

**Uma convergência fortuita? Canguilhem e Merleau-Ponty: uma proximidade ou uma denúncia de necessidade intelectual?**

**Ronaldo Manzi Filho\***

Vitória (ES), vol. 2, n. 2  
Dezembro 2013

*SOFIA*

*Versão eletrônica*

---

\* graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (UCG) e formado em psicanálise pelo Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP). Possui mestrado em filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo e pela Radboud Universiteit Nijmegen (co-tutela). Co-organizou os livros *A filosofia após Freud* (Humanitas) e *Paisagens da Fenomenologia francesa* (UFPR). Publicou artigos em periódicos especializados, além de diversas traduções de artigos e revisões de livros. Atua principalmente nas áreas da Fenomenologia francesa e da Epistemologia da Psicanálise. Participa do grupo de pesquisa do Laboratório de Estudos em Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (USP). É membro da International Society of Psychoanalysis and Philosophy./ manzifilho@hotmail.com

**Resumo:** esse artigo visa mostrar como dois pensadores franceses, Georges Canguilhem e Maurice Merleau-Ponty, escreveram suas teses de doutorado numa mesma época (no começo da década de 1940) e, levando em conta que um não conhecia o trabalho do outro, é interessante notar que eles convergem em larga medida seus argumentos. Não se trata apenas de uma curiosidade acadêmica, mas de mostrar como essa convergência fortuita se justifica a partir de uma necessidade intelectual da época em que viviam. Desenvolvemos cinco pontos que nos mostrariam essa necessidade intelectual e, enfim, um momento em que eles divergem profundamente: ao pensar o trabalho humano enquanto um prolongamento da norma vital por um lado e, por pensar esse trabalho como uma negação da natureza, por outro.

**Palavras-chave:** não-filosofia; norma vital; normal; patologia.

**Abstract:** in this article, we intend to show how two French thinkers, Georges Canguilhem and Maurice Merleau-Ponty, wrote their doctoral theses in the same decade (early 1940s), and taking in account that they didn't know the work of each other, it's interesting to note that they largely converged their arguments. This is not just an academic curiosity, but shows how this fortuitous convergence is justified from an intellectual necessity of the times in which they lived. We developed five points that show us this intellectual necessity and, finally, a moment that they profoundly diverge: by thinking the human labor as an extension of vital norm on the one hand, and by thinking this labor as a denial of nature on the other.

**Keywords:** non-philosophy; vital norm; normal; pathology.

### **Uma convergência fortuita? Canguilhem e Merleau-Ponty: uma proximidade ou uma denúncia de necessidade intelectual?**

Em 1950, no prefácio da segunda edição de sua tese de doutorado em medicina, *Le Normal et le Pathologique*, Georges Canguilhem afirma ter lido a *Structure du comportement* de Maurice Merleau-Ponty somente depois de seu manuscrito estar na impressão. O fato de Canguilhem sublinhar isso não me parece um mero acaso: entre ambos haveria, segundo suas palavras, uma convergência fortuita que ele justifica a partir de uma necessidade intelectual da época em que viviam. A obra de Merleau-Ponty é de 1942 [na verdade a obra é de 1938, mas publicada em 1942], e a de Canguilhem é de 1943. Longe de buscarmos fazer um paralelo entre as duas obras, talvez fosse interessante levarmos a sério o que observa Canguilhem: ambos partiam de uma necessidade intelectual de sua época, a ponto de convergirem em larga medida seus trabalhos. Afinal, no que eles convergiram e qual era a necessidade teórica da qual Canguilhem se refere? Responder a isso talvez nos leve a compreender melhor o que, de fato, esses dois pensadores traziam de inovador no cenário intelectual francês.

A primeira coisa que poderíamos notar é que ambos tinham a estrutura do comportamento como estudo, apesar de visarem objetivos distintos: Merleau-Ponty destacava a estrutura do comportamento dos organismos buscando compreender as relações da consciência e da natureza; Canguilhem, a estrutura e os comportamentos patológicos nos homens na tentativa de compreender o que é o normal e o patológico. Uma tese foi defendida na filosofia, enquanto a outra na medicina. No caso de Canguilhem, ele tinha algo claro em mente: não é necessariamente para melhor conhecer as doenças mentais que um professor de filosofia pode se interessar na medicina. Não é também necessariamente para exercer uma disciplina científica. Esperamos precisamente da medicina uma introdução aos problemas humanos concretos<sup>1</sup>.

Esse tipo de afirmação nos mostra um movimento em geral na França do começo do século XX. Um movimento que tinha como lema ir em direção ao concreto, que foi consagrado por Jean Wahl em 1932 e que já vinha sendo difundido por Gabriel Marcel e Georges Politzer. O livro de Jean

---

<sup>1</sup> CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 7.

Wahl foi recebido como um exemplo de como uma nova geração poderia lidar com a filosofia. O texto de Wahl trazia o pensamento de William James, Alfred Whitehead e Gabriel Marcel como exemplos.

Georges Politzer, por sua vez, já havia lançado dois panfletos que marcaram a filosofia, a psicologia e a psicanálise de sua época: primeiro, *Critique des fondements de la psychologie*, de 1928, foi largamente divulgado no meio acadêmico e foi central nos trabalhos de Merleau-Ponty; segundo, *La fin d'une parade philosophique: le bergsonisme*, de 1929, foi o livro de cabeceira do então jovem Canguilhem, que o sabia de cor<sup>2</sup>.

Entretanto, essa vocação ao concreto tinha em ambos uma peculiaridade. Para eles, estar em direção ao concreto significava também um debate com o exterior da filosofia, com o que a provoca, ao que a impele a pensar os conceitos em sua situação. Pensemos, por exemplo, por que um esforço de integrar à especulação filosófica alguns métodos e aquisições da medicina? Não acredito que o objetivo de Canguilhem fosse de renovar a medicina. Muito pelo contrário, sujeito a utilizar-se de uma ciência para renovar a filosofia.

É Canguilhem, aliás, que anuncia de forma clara um dos programas filosóficos fundamentais do século XX: “a filosofia é uma reflexão pela qual toda matéria estrangeira é boa e, diríamos voluntariamente que toda boa matéria deve ser estrangeira”<sup>3</sup>. Já Merleau-Ponty, em seu célebre livro, *Signes*, escreve: a filosofia não pode ter um “objeto próprio”, pois ela sempre pensa sobre algo, seja “sobre o quadrado desenhado na areia, sobre o jumento, o cavalo, a mula, sobre o metro cúbico do espaço, sobre o cinábrio, sobre o Estado romano, sobre a mão que abate a limalha de ferro...”<sup>4</sup>. Enfim, Merleau-Ponty diz assim que toda matéria pode ser um bom material para a filosofia, uma vez que ela reflete sobre nossa experiência e nosso mundo.

A estratégia é aparentemente “simples”: mostrar que a filosofia não poderia jamais deixar de estar em contato com os “fatos” e com as experiências efetivas. Podemos dizer que Merleau-Ponty e Canguilhem percebem que é necessário que a racionalidade desça à terra<sup>5</sup>. Tal estratégia talvez seja um modo de dizer que há algo de “estrangeiro” em operação na razão moderna que a filosofia parecia excluir de seu domínio, mas que poderia nos levar a pensar de outra forma. Como se fosse necessário dizer em voz alta, como o fez Merleau-Ponty, que nossa não-filosofia é, talvez, a mais profunda filosofia<sup>6</sup>, ou que ela é o segredo dos segredos<sup>7</sup>.

É nesse sentido que os projetos de Merleau-Ponty e o de Canguilhem foram precursores de um modo de filosofar que impede que a filosofia seja, como diz Michel Foucault, uma “perpétua reduplicação de si mesma, em um comentário infinito de seus próprios textos e sem relação a exterioridade alguma”<sup>8</sup>. Método, aliás, que traz à tona o que lhe parecia impensável: o patológico, o sonho, o mito, a alucinação, o infantil, a loucura, o mórbido, a existência, o invisível, e tantas outras “matérias obscuras” ao pensar.

Nesse sentido a primeira necessidade intelectual que vemos em comum em Merleau-Ponty e Canguilhem é realizar uma crítica à filosofia de sua época: trata-se de mostrar como vários problemas que são aparentemente distantes de sua reflexão, tal como os campos empíricos do saber, nos oferecem uma capacidade e uma possibilidade fundamental de autocrítica.

No caso da tese de Canguilhem, fica-nos claro como a doença é uma experiência que nos força a pensar, como se a estrutura e o comportamento patológico fossem privilegiados para a filosofia marcar uma diferença qualitativa entre um comportamento normal e outro patológico. Aliás, um tema central para filosofia como nota Vladimir Safatle:

pois por trás das mudanças e redefinições do que está em jogo na partilha entre normal e patológico, encontramos um problema vinculado à maneira com que a razão moderna determina a articulação entre vida e conceito, entre ordem e desordem, entre norma e erro. (...) [Ou seja, de] um setor de decisões mais fundamentais da razão a respeito do modo de definição daquilo que aparece como seu Outro (a patologia, a loucura etc.)<sup>9</sup>.

<sup>2</sup> Como afirma Frédéric Worms (cf. *WORMS, La philosophie en France au XXe siècle*, p. 194).

<sup>3</sup> CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 7.

<sup>4</sup> MERLEAU-PONTY, *Signes*, p. 127.

<sup>5</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, *Le Primat de la Perception – et ses Conséquences Philosophiques*, p. 43.

<sup>6</sup> MERLEAU-PONTY, *La Nature et Logos : le corps humain*, p. 82.

<sup>7</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, *La Nature ou le monde du silence*, p. 117.

<sup>8</sup> FOUCAULT, *Dits et écrits*, p. 1152.

<sup>9</sup> SAFATLE, *O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem*, p. 14.

Lembremos que essa concepção de normal e patológico se serviu dos estudos de Kurt Goldstein sobre a estrutura do organismo que se tornou, segundo as palavras de Foucault, uma euforia conceitual nessa época<sup>10</sup>. Para Foucault, esse tipo de estudo teria negligenciado uma diferença entre a medicina mental e a medicina orgânica. De fato, se há algo que une profundamente Canguilhem e Merleau-Ponty é essa suposta euforia conceitual de Goldstein que faz do organismo um todo, não havendo sentido em diferenciar o mental do orgânico. Poderíamos resumir o argumento de Goldstein nesses termos: na existência de qualquer perturbação na estrutura do funcionamento nervoso, há uma reestruturação da função em geral da organização do comportamento, pois há uma integridade do conjunto desse funcionamento. Isso não significa que o sujeito restitui uma função perdida, mas que o organismo se reestrutura por uma suplementação dessa função.

Aqui esbarramos com uma segunda necessidade intelectual de sua época: repensar a relação entre a consciência e a natureza, seja ela, como afirma Merleau-Ponty, orgânica, psicológica ou social. O filósofo resume a situação dessa questão na França:

assim se encontram justapostas segundo os contemporâneos, na França, uma filosofia que faz de toda natureza uma unidade objetiva constituída diante da consciência, e ciências que tratam o organismo e a consciência como duas ordens de realidades, e, na sua relação recíproca, como ‘efeitos’ e como ‘causas’. A solução se encontraria num retorno puro e simples ao criticismo?<sup>11</sup>

Lembremos como o livro de Goldstein era central nessa articulação. O médico começa seus estudos a partir de um método análogo à fenomenologia e também da epistemologia canguilhemiana<sup>12</sup>, pois Goldstein, ao procurar curar os feridos da primeira guerra mundial, parte de casos reais, sem levar em conta nenhum preconceito a priori<sup>13</sup>.

Esse tipo de método é fundamental para compreendermos como Goldstein consegue se afastar de uma espécie de dogma científico na diferença quantitativa entre normal e patológico. Aliás, um dogma que Canguilhem descreve o histórico na primeira parte do seu livro, mostrando-nos como essa determinação do que é o patológico seria, no fundo, um dispositivo normativo da medicina. Contudo, é Goldstein que talvez seja o primeiro a mostrar como a diferença entre o normal e o patológico é qualitativa e não quantitativa, assim como não há como distinguir uma doença mental de uma doença orgânica: o que quer que aconteça no organismo, todo o corpo está envolvido em qualquer uma de suas ações.

Para compreendermos isso, devemos ter em mente que a patologia não poderia ser pensada num sentido negativo, quer dizer, o que supostamente faltaria ao sujeito para agir de um modo normal – o que equivale afirmar que o patológico seria um transtorno em relação a uma função normal. Se assim o fizéssemos, teríamos que eleger um suposto “sujeito normal ideal” da qual pudéssemos ter um critério de validação de ação frente a uma variação do meio<sup>14</sup>. Um dos principais problemas dessa concepção é que, ao se pensar a partir do déficit, negar-se-ia que o organismo age como um todo, como uma estrutura.

O que Goldstein verifica é que, quando o sujeito adoece, ele não adoece uma parte de seu corpo, pois todo seu corpo se reestrutura a partir desta nova situação: há uma alteração qualitativa da sua conduta, uma vez que “(...) o organismo consiste de diferentes estruturas qualitativas”<sup>15</sup>. Não se trata assim de uma desintegração de um suposto sistema pré-estabelecido, mas de uma reorganização estrutural do comportamento, visa uma melhor adaptação ou uma melhor ordem do sistema nervoso como um todo. Eis as palavras de Goldstein: “desde que estamos preocupados com um sistema que sempre funciona como um todo, um estímulo dado deve produzir mudanças em todo organismo”<sup>16</sup>.

É nesse sentido que passagens como essa de Canguilhem poderiam ser confundidas com as palavras de Merleau-Ponty e Goldstein: “quando se qualifica de patológico um sintoma ou um mecanismo funcional isolado, esquece-se que os que torna tais é sua relação de inserção na totalidade indivisível de um comportamento individual”<sup>17</sup>.

<sup>10</sup> Cf. FOUCAULT, *Maladie mentale et psychologie*, p. 11

<sup>11</sup> MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 2.

<sup>12</sup> CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 60.

<sup>13</sup> Cf. GOLDSTEIN, *The Organism*, pp. 21-27.

<sup>14</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 18.

<sup>15</sup> GOLDSTEIN, *The Organism*, p. 271.

<sup>16</sup> GOLDSTEIN, *The Organism*, p. 104.

<sup>17</sup> CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 50.

Merleau-Ponty, assim como Canguilhem, mostram, por exemplo, como uma análise quantitativa recorre, “veladamente”, a certa norma que julga ser válida. Por exemplo, ao dizer de um déficit, diz-se, no fundo, de um valor qualitativo em relação a uma norma. Pretendendo afirmar certa continuidade e homogeneidade entre a saúde e a doença (questão quantitativa, de inibição e estimulação, por exemplo), diz explicitamente que o organismo está num estado (qualitativamente) diferente do normal, pressupondo o que quer negar: que a doença, como afirma Canguilhem, constitui para o organismo um novo modo de vida, um novo comportamento<sup>18</sup>.

Com isso não se visa desqualificar as ciências empíricas tal como a fisiologia, a anatomia ou a neurologia, mas rearticular o saber sobre o patológico. Uma transformação que abre espaço para o campo da medicina e da filosofia: pensar o corpo não mais reduzido ao seu volume orgânico e elementar, mas na sua articulação com todas suas funções a partir de uma estrutura valorativa que orienta as práticas clínicas; de uma concepção pautada na realidade estatística para uma concepção de valor.

Esse seria apenas um dos momentos que Merleau-Ponty e Canguilhem convergem o resultado de suas pesquisas. Talvez o ponto mais notável seja o fato de ambos afirmarem que a normatividade vital parte do organismo. Como se somente a valorização vital pudesse nos dizer se houve uma mudança qualitativa de sua relação com o meio.

Compreendemos, portanto, porque Canguilhem afirma que “parece-nos totalmente importante que um médico reconheça na dor um fenômeno de reação total que só tem sentido, que só é sentido, no nível da individualidade humana concreta”<sup>19</sup> – uma dor que Canguilhem qualifica como comportamento. E por isso Canguilhem define a patologia como um comportamento que implica o pathos, “(...) um sentimento direto e concreto de sofrimento e de impotência, sentimento de vida contrariada”<sup>20</sup>.

Merleau-Ponty e Canguilhem veem, assim, uma necessidade de pensar o organismo a partir de uma normatividade. Como se fosse preciso que o organismo se reestruturasse, diante de um impasse, para poder ser capaz de impor sua normatividade vital ao mundo ao seu redor. Caso ele não consiga isso, ele fica dependente das flutuações do meio, podendo até perecer. O organismo não é mais capaz de entrar numa outra forma de vida e fica preso/fixado numa única forma normativa de vida que não consegue se impor ao meio. Assim, “o doente é doente por não poder admitir senão uma norma”<sup>21</sup> afirma Canguilhem. Ou, em outras palavras: o organismo perde uma plasticidade de se colocar frente ao meio – segue uma norma e perde seu poder de normatividade.

Para Merleau-Ponty, isto significa afirmar, entre outras coisas, que o organismo não está totalmente submetido às ações físicas: ele tem certa capacidade de instaurar normas, sendo capaz de definir suas condições ou um tipo de escolha (sem depender tanto, como no caso do doente, das variações do meio). Quando se diz que a vida é, na verdade, uma atividade normativa, deve-se ter em mente que até para organismo mais simples isso vale: é ele que impõe as condições de seu equilíbrio<sup>22</sup>.

Neste sentido, ao se dizer normatividade, em instituir normas, escolher, expressar uma preferência diante de um meio flutuante, diz-se igualmente, como compartilha Canguilhem, que o meio do ser vivo seria a sua própria obra. Assim, tanto Merleau-Ponty quanto Canguilhem podem dizer que há formas ou tipos normativos de vida, uma vez que a própria doença nos indica como é possível instituir novas dimensões da vida e jamais uma ausência de norma em relação ao meio. Pode-se afirmar, portanto, que não existe normal e patológico em si<sup>23</sup> – um organismo só é patológico em relação ao meio e por sua incapacidade de impor a esse meio suas normas.

Podemos, assim, negar que o comportamento é um processo linear do organismo ao meio, já que há uma atividade orientada ou uma mobilidade privilegiada. Noutras palavras, há sempre uma escolha<sup>24</sup>.

O interessante nesse contexto é que esta ideia vai de encontro com os gestaltistas: não se trata de agir seguindo o menor esforço possível como propunha, por exemplo, Kurt Koffka<sup>25</sup>. O comportamento

<sup>18</sup> Cf. CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 46.

<sup>19</sup> CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 56.

<sup>20</sup> CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 85.

<sup>21</sup> CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 122.

<sup>22</sup> MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 162.

<sup>23</sup> Cf. CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 91.

<sup>24</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 140.

<sup>25</sup> Cf. KOFFKA, *Principles of Gestalt Psychology*, pp. 107-108.

privilegiado não é a lei do menor esforço, como se tende a pensar. Merleau-Ponty afirma: “não é porque o comportamento é mais simples que ele é privilegiado, mas, ao contrário, porque ele é privilegiado que nos o achamos mais simples”<sup>26</sup>, – modificando a tão difundida ideia de *good Gestalt*. Isto nos deixa claro que o problema do modo de relação do organismo com seu ao redor segue certa orientação privilegiada dependente da situação de todo o organismo: nós escolhemos modos privilegiados de ação diante de uma situação dada. Goldstein nos aponta esta ideia: “assim, comportamentos preferidos, realizados num campo, dependem da condição de todo organismo numa dada situação”<sup>27</sup>. Quer dizer, a capacidade do organismo de impor ao meio é uma necessidade vital de inventar suas normas. E como resume Canguilhem: “viver é, mesmo para uma ameba, preferir e excluir”<sup>28</sup>.

Esse é um dos pontos centrais para compreendermos outra necessidade intelectual da época segundo os dois filósofos: é necessário diferenciarmos uma lei de uma norma. Canguilhem frisa que o vivente não vive entre as leis físicas<sup>29</sup>. Essas palavras de Merleau-Ponty são quase as mesmas: “as estruturas inorgânicas se deixam exprimir por uma lei, ao contrário das estruturas orgânicas que não se compreendem senão por uma norma (...)”<sup>30</sup> – algo sem análogo no mundo físico.

Essa passagem é fundamental para compreendermos porque Merleau-Ponty diferencia o comportamento inorgânico do orgânico: ao se dizer vida, diz-se normatividade; ao contrário de uma estrutura inorgânica que segue leis determinadas.

É exatamente essa relação que define a relação normal do organismo, ou seja, em que o organismo expressa sua normatividade vital, em que o vivente produz suas normas de apreciação das situações: aqueles que constituem o mundo físico encontram numa lei matemática a expressão suficiente de sua unidade interior. Os outros, que denominamos os viventes, oferecem a particularidade de ter um comportamento, quer dizer, que suas ações não são compreensíveis como funções do meio físico e que, ao contrário, as partes do mundo às quais eles reagem são delimitadas por eles por uma norma interior. Não se entende aqui por norma um dever ser que faria o ser, é a simples constatação de uma atitude privilegiada, estatisticamente mais frequente, que dá ao comportamento uma unidade de um novo gênero<sup>31</sup>.

Palavras quase sinônimas de Canguilhem ao afirmar que a vida é uma atividade normativa ou de polaridade<sup>32</sup>.

Mas ao afirmar que o organismo cria suas norma, Merleau-Ponty não deixa de associar a situação patológica criada num laboratório. Sobre isso, não podemos dizer nada a respeito da relação vital do organismo com o meio que lhe é próprio, pois “tudo aquilo que pode acontecer a um organismo no laboratório não é uma realidade biológica”<sup>33</sup>.

Merleau-Ponty percebe com precisão que o reflexo condicionado, por exemplo, é uma construção e não a descrição do comportamento normal do organismo. O fato, por exemplo, do ser humano ser capaz de responder aos reflexos num laboratório, longe de afirmar a correção do experimento, mostra apenas como o homem possui uma plasticidade, uma capacidade de variações. Se formos capazes de corresponder às sensações isoladas das excitações locais criadas num laboratório, isso não significa que essas sensações obtidas desse modo sejam elementos integrantes do funcionamento normal do organismo<sup>34</sup>.

Isso fica mais claro se compreendermos que cada organismo vive num meio comportamental próprio. Jacob von Uexküll assim como Goldstein destacavam como o método experimental, próprio das ciências físicas, não levava em conta uma distinção que os gestaltistas insistiam entre o meio comportamental e o meio geográfico. Ou seja, no modo que se deve pensar o organismo em relação ao seu meio: por um lado, podemos tomar vários organismos, de várias espécies, num meio geográfico;

<sup>26</sup> MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 159.

<sup>27</sup> GOLDSTEIN, *The Organism*, p. 360.

<sup>28</sup> CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 84.

<sup>29</sup> Cf. CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, p. 131.

<sup>30</sup> MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 161.

<sup>31</sup> MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 173.

<sup>32</sup> Cf. CANGUILHEM, *Le Normal et le Pathologique*, pp. 19; 77.

<sup>33</sup> MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 164.

<sup>34</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, *La Structure du Comportement*, p. 83.

por outro, podemos tomar cada organismo singular, no seu meio comportamental ou, como diz Uexküll, no seu mundo próprio (Umwelt): cada organismo vive num meio comportamental próprio<sup>35</sup>. Esta distinção é fundamental para o estudo da normatividade, como destaca, por exemplo, Canguilhem ao afirmar que o estudo de um vivente nas condições experimentalmente construídas, é lhe fazer um meio, lhe impor um meio. Ao invés do organismo criar seu meio, no laboratório ele viveria nas normas operacionais do cientista – como se tratasse de uma patologia artificial<sup>36</sup>. Com esse raciocínio, vemos ainda outra exigência da época: é necessário distinguir um comportamento experimental de um comportamento do ser vivo em relação com seu meio comportamental que é estruturado e organizado pelo próprio organismo.

Entretanto, há um ponto que separa profundamente os dois pensadores. Para Canguilhem, podemos explicar a técnica humana em geral a partir da atividade vital de informação e assimilação. Entre um organismo em geral e o homem não há uma diferença estrutural – ambos realizam, a seu modo, uma atividade normativa, mesmo que Canguilhem diferencie uma normatividade vital de uma normatividade social. No primeiro caso, as normas são internas ao organismo; no segundo, apesar do sujeito ter escolhas num meio social, as normas são exteriores ao indivíduo<sup>37</sup>. Por essa capacidade de escolha, o homem seria capaz de variar o meio ambiente por sua técnica e sua atividade: “por isso, o homem se revela atualmente como a única espécie capaz de variação”<sup>38</sup>.

Merleau-Ponty, por sua vez, diferencia três formas possíveis de estruturas: física, vital e humana. Sendo assim, haveria também algo de específico no comportamento humano: “em outros termos, matéria, vida e espírito devem participar de modo diferente na natureza da forma, representar diferentes níveis de integração e constituir enfim uma hierarquia em que a individualidade se realiza sempre em mais alto grau”<sup>39</sup>.

Portanto, nem todos os animais poderiam agir nestes níveis, pois há diferentes organizações do organismo com o meio. Os gestaltistas, por exemplo, nos mostram como os chimpanzés são capazes de uma espécie de imitação<sup>40</sup>, que certas aves reagem a algumas configurações<sup>41</sup>, ou que elas estão sujeitas às figuras de Jastrow<sup>42</sup>. É possível afirmar, então, certo poder do animal em se adaptar a estruturas significativas, reagindo com certa ordem aos sinais sugeridos na relação com o meio (Sign-Gestalt)<sup>43</sup>.

Mas é no homem que poderíamos afirmar uma forma simbólica, pois só o homem tem uma relação com algo ausente. É aí que seria possível ao organismo transcender à situação atual, projetar-se ao não acontecido, a outra realidade possível, possibilitando-o transcender temporalmente (apesar de estar de certo modo presente) – uma abertura ao possível, à ficção<sup>44</sup>. Era exatamente isto que Goldstein protestava dos gestaltistas em relação ao isomorfismo: como seria assim possível o atributo especificamente humano: a atitude em direção ao Possível?<sup>45</sup>

É a partir dessa capacidade de ir em direção ao possível que Merleau-Ponty define a natureza humana: “o que define o homem não é a capacidade de criar uma segunda natureza, – econômica, social, cultural, – para além da natureza biológica, é mais aquela de ultrapassar as estruturas criadas para se criar outras”<sup>46</sup>. E é aqui que ele introduz a noção da dialética propriamente humana de se relacionar com o mundo: com a noção de trabalho. Ou seja, “(...) o conjunto de atividades pela qual o homem transforma a natureza física e vivente”<sup>47</sup>. Seguindo claramente uma concepção de Kojève, o trabalho seria a normatividade própria do homem: a capacidade do ser humano de negar a natureza por meio do trabalho – transformando a Natureza em mundo humano.

<sup>35</sup> Cf. KOFFKA, Principles of Gestalt Psychology, pp. 24-36.

<sup>36</sup> Cf. CANGUILHEM, Le Normal et le Pathologique, pp. 92-95.

<sup>37</sup> Cf. CANGUILHEM, Le Normal et le Pathologique, p. 114.

<sup>38</sup> CANGUILHEM, Le Normal et le Pathologique, p. 116.

<sup>39</sup> MERLEAU-PONTY, La Structure du Comportement, p. 143.

<sup>40</sup> Cf. KÖHLER, The Mentality of Apes, pp. 165-200.

<sup>41</sup> Cf. KÖHLER, Köhler. Gestalt Psychology, pp. 85-89.

<sup>42</sup> Cf. KOFFKA, Principles of Gestalt Psychology, p. 90.

<sup>43</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, La Structure du Comportement, p. 116.

<sup>44</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, La Structure du Comportement, p. 133.

<sup>45</sup> Cf. GOLDSTEIN, The Organism, p. 392.

<sup>46</sup> MERLEAU-PONTY, La Structure du Comportement, p. 189.

<sup>47</sup> MERLEAU-PONTY, La Structure du Comportement, p. 176.

A partir dessa concepção de qual seria a especificidade humana com sua estrutura de comportamento, Merleau-Ponty busca resolver as relações da alma e do corpo seguindo os problemas postos pela intencionalidade da consciência nos moldes da fenomenologia de Edmund Husserl.

Seja como for, não há dúvidas que Merleau-Ponty e Canguilhem entrecruzaram várias questões em comum numa mesma época sem que tivessem lido o trabalho um do outro. Longe de ser apenas uma curiosidade acadêmica, isso nos mostra como esses pensadores partiam de uma necessidade intelectual comum de sua época. Conseguimos elencar aqui pelo menos cinco pontos:

1. a necessidade de a filosofia recorrer ao seu exterior, às não-filosofias, para sair de uma eterna repetição de si mesma;
2. repensar a relação entre a consciência e a Natureza;
3. pensar a normalidade não em relação a uma concepção estatística, mas numa concepção valorativa;
4. diferenciar leis físicas de normas vitais;
5. distinguir um comportamento experimental de um comportamento do ser vivo em relação com seu meio comportamental.

Decerto, cinco pontos que foram longamente debatidos no século XX, mas que foi necessário ser anunciados para serem ouvidos.

## Bibliografia

- CANGUILHEM, Georges. La connaissance de la vie. Paris: VRIN, 1998.  
 \_\_\_\_\_. Le Normal et le Pathologique. Paris: PUF, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Maladie mentale et psychologie. Paris: PUF, 2005.  
 \_\_\_\_\_. Réponse à Derrida. In: \_\_\_\_\_. Dits et écrits. Paris: Gallimard, 1994.
- GOLDSTEIN, Kurt. The Organism – a holistic approach to biology derived from pathological data in man. New York: American Book Company, 1939.
- KOFFKA, Kurt. Principles of Gestalt Psychology. London: Routledge & Kegan Paul Limited, 1955.
- KÖHLER, Wolfgang. Köhler. Gestalt Psychology – An introduction to new concepts in Modern Psychology. New York: Mentor Books, 1947.  
 \_\_\_\_\_. The Mentality of Apes. Translated by Ella Winter. New York: Vintage Books, 1959.
- MARCEL, Gabriel. Être et Avoir. Paris: Aubier, 1935.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. La Nature et Logos : le corps humain, Vol XVII (BN) – Notes de cours – Collège de France (1959-1960). Inédit.  
 \_\_\_\_\_. La Nature ou le monde du silence, Vol VI (BN: 9587). Inédit, 1957.  
 \_\_\_\_\_. Le Primat de la Perception – et ses Conséquences Philosophiques. Paris: Verdier, 1996.  
 \_\_\_\_\_. Signes. Paris: Gallimard, 2000.  
 \_\_\_\_\_. La Structure du Comportement. Paris: Quadrige/PUF, 2002.
- POLITZER, Georges. Critique des fondements de la psychologie. Paris: PUF, 1968.  
 \_\_\_\_\_. La fin d'une parade philosophique : le bergsonisme. Paris: Les Revues, 1929.
- SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. In: Scientiae studia. São Paulo, vol. 9, n.1, pp. 11-27, 2011.
- UEXKÜLL, Jacob von. Monde animaux et monde humain. Traduction de Philippe Muller. Paris : Denoël, 2004.
- WAHL, Jean. Vers le Concret – Études d'Histoire de la Philosophie Contemporaine. Paris: Vrin, 1932.
- WORMS, Frédéric. La philosophie en France au XXe siècle. Paris : Gallimard, 2009.